



Camila Falcão, *Abaixa Que é Tiro*

IX Prêmio

Diário
contemporâneo

de Fotografia

Realidades da imagem, Histórias da Representação

EXPOSIÇÃO

artistas premiados, selecionados e participações especiais

ARTISTA CONVIDADA

flavya mutran

MOSTRA ÁUDIO VISUAL SEM DESTINO

projeto de elaine tedesco

FORMAÇÃO

oficinas
encontros com artistas

VISITAÇÃO

ação educativa

APOIO



FICHA TÉCNICA

JORNAL DIÁRIO DO PARÁ –
REDE BRASIL AMAZÔNIA DE
COMUNICAÇÃO

Jader Barbalho Filho
Diretor Presidente do Diário do Pará

Camilo Centeno
Diretor Geral da RBA

Francisco Melo
Diretor Financeiro

RBA – MARKETING
Hamilton Pinheiro
Gerente de Circulação e Marketing

Marcelle Maruska Marçal
Analista de Marketing

RBA – DESENVOLVIMENTO
Luis Folha
Gerente de desenvolvimento

Oscar Alencar
Supervisor de desenvolvimento

PROJETO PRÊMIO DIÁRIO
CONTEMPORÂNEO DE FOTOGRAFIA

Mariano Klautau Filho
Curador e Coordenador Geral

Lana Machado
Coordenadora de Produção

Irene Almeida
Curadora assistente

Luis Laguna
Produtor

Rodrigo Correia
Assistente de Produção

Andrea Kellermann
Designer Gráfico

Rodrigo Correia
Coordenação da Ação Educativa

Cinthy Marques
Curadoria Educativa

Debb Cabral
Assessoria de Comunicação

MEP – MUSEU DO ESTADO DO PARÁ

Mariana Sampaio
Diretora do Sistema Integrado de
Museu e Memórias – SIM/SECULT

Sérgio Alencar de Melo
Diretor

Márcia Pontes
Coordenadora da Ação Educativa

MUSEU DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARÁ

Jussara Derenji
Diretora

Raul Carvalho
Coordenador da Ação Educativa

Realidades da imagem, histórias da representação

Ainda que a fotografia tenha reivindicado cada vez mais o direito à ficção e a recusa à realidade, é inegável reconhecer que a relação de ambiguidade manifesta nos processos de representação entre fotografia e mundo real não seja a mola propulsora e que a realidade alcance um peso determinante no trabalho fotográfico. Ainda que a arte tenha reivindicado seu direito a uma autonomia plena, absoluta em suas questões materiais, técnicas, conceituais, também é inegável reconhecer que sua dinâmica manifesta em seus processos de representação não esteja em constante instabilidade por seu vínculo com a realidade e sua história social. Enfim, quais os mecanismos da arte diante do contexto social? Quais os papéis que desempenham as imagens fotográficas na arte em face de realidades tão concretas? Quais reflexões podemos construir sobre a prática social por meio da arte e o fazer artístico como expressão social? Qual o lugar do artista nas representações históricas e nas histórias da representação? A fotografia oferece, desde seu surgimento, vários desafios. É o que o IX Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia propõe para o ano de 2018.

Mariano Klautau Filho
Curador Geral

IX Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia

Sumário

Realidades da imagem, histórias da representação.....	2
Editorial.....	3
Os artistas premiados.....	4
Artistas Selecionados e Participações Especiais.....	7
A imagem compartilhada.....	14
Mostra Audiovisual Sem Destino.....	16
Visitação pode ser agendada.....	18
Ação Educativa.....	19

PROGRAMAÇÃO

EXPOSIÇÕES

Realidades da Imagem, Histórias da Representação

Artistas premiados, selecionados e participações especiais

MUSEU DO ESTADO DO PARÁ
16/05 a 15/07

Lapso

Flavya Mutran – Artista convidada

Audiovisual Sem Destino

Projeto de Elaine Tedesco

MUSEU DA UFPA – 17/05 a 15/07

CONVERSAS

Trajatória da curadoria de fotografia brasileira Rosely Nakagawa

Mediação: Mariano Klautau Filho
15/05 – 19H

Conversa com Flavya Mutran

Mediação: Mariano Klautau Filho
MUSEU DA UFPA – 18/05 – 19:30H

Conversa com Elaine Tedesco

Mediação: Mariano Klautau Filho
MUSEU DA UFPA – 08/06 – 19H

Conversa com Artistas Residentes e Tutores & Lançamento do Catálogo 2017

Marisa Mokarzel, Lúvia Aquino, Ricardo Ribeiro e Ionaldo Rodrigues
Mediação: Mariano Klautau Filho

MUSEU DO ESTADO DO PARÁ
21/06 – 19H

OFICINAS

Tempo para duvidar: por uma formação de espíritos livres
Cinthy Marques

AUDITÓRIO DO MUSEU DE ARTE SACRA
05 e 06/05 – 09 às 12H e 14 às 18H

O livro como território de criação

Rosely Nakagawa

AUDITÓRIO DO MUSEU DE ARTE SACRA
16 e 17/05 – 09 às 13H

Câmeras Analógicas

Fotoativa | Aparelho | Prêmio Diário
Anne Dias, Irene Almeida e Mirelle Pic
FÓRUM LANDI – 20, 26 e 27/05

Photoshop: Preto & Branco

Andrea Kellermann

AUDITÓRIO DO MUSEU DE ARTE SACRA
18 a 20/06 – 09 às 12H e 14 às 18H

Museu do Estado do Pará

Praça D. Pedro II, s/n. – Cidade Velha

Museu da UFPA

Av. Governador José Malcher – esquina com
Generalíssimo Deodoro

Informações

Rua Gaspar Vianna, 773 – Reduto
www.diariocontemporaneo.com.br
Contatos: (91) 3184-9310 e 98367-2468
diariocontemporaneodfotografia@gmail.com

Editorial

Realidades representadas. A fotografia nunca foi a cópia fiel da realidade, ainda que muitos acreditem nisto. Ao enquadrar algo, tantas outras coisas ficam de fora da cena. Um recorte é feito. Assim, ela é a verdade daquele que a produz.

“Realidades da Imagem, Histórias da Representação”, temática escolhida, trouxe a fotografia como testemunho, prática social e expressão histórica. Nesta nona edição os trabalhos escolhidos trazem indignações, inquietações e denúncias que reforçam o compromisso da arte com a sociedade.

A artista convidada deste ano, Flavya Mutran, se lança em busca das realidades que representamos nas redes. Dentro do mundo de imagens e da nossa memória visual coletiva, a fotógrafa transita entre arquivos e compartilhamentos.

Com o apoio dos trabalhos selecionados, a ação educativa firma seu compromisso com a formação de cidadãos de pensamento crítico e abertos ao diálogo entre arte e sociedade. Temáticas contemporâneas serão debatidas com alunos e professores, buscando possibilitar a estes, suporte, informação e orientação para abordar temas diretamente ligados à realidade do país. A representação tem vínculo forte com a realidade histórica. Assim, o Diário Contemporâneo convida você a se tornar parte integrante desta edição. Além das mostras, a programação conta com palestras, encontros com artistas, oficinas e atividade educativa com as escolas. Compartilhe estes momentos nas redes sociais com a hashtag #DiarioContemporaneo2018!

Debb Cabral



Gabriela Lima, Meu Brasil Varonil

PREMIADOS

Edu Marin Kessedjian (SP)
Prêmio Diário Contemporâneo
Ionaldo Rodrigues (PA)
Prêmio Residência Artística São Paulo
Ricardo Ribeiro (SP)
Prêmio Residência Artística Belém

SELECIONADOS

Ana Lira (PE)
André Penteado (SP)
Camila Falcão (SP)
Élcio Miazaki (SP)
Emídio Contente (PA)
Fernando Schmitt (RS)
Fernando de Tacca (SP)
Gabriela Lima (RJ)
Ivan Padovani (SP)
João Castilho (MG)
João Paulo Racy (RJ)
José Diniz (RJ)
Marcelo Kalif (PA)
Marçílio Caldas Costa (PA)
Marco Antonio Filho (RS)
Maurício Igor (PA)
Natasha Ganme (SP)
Paulo Baraldi (SP)
Pedro Clash (SP)
Roberto Setton (SP)
Sérgio Carvalho (PI)
Thiéle Elissa (RS)
Tiago Coelho (RS)

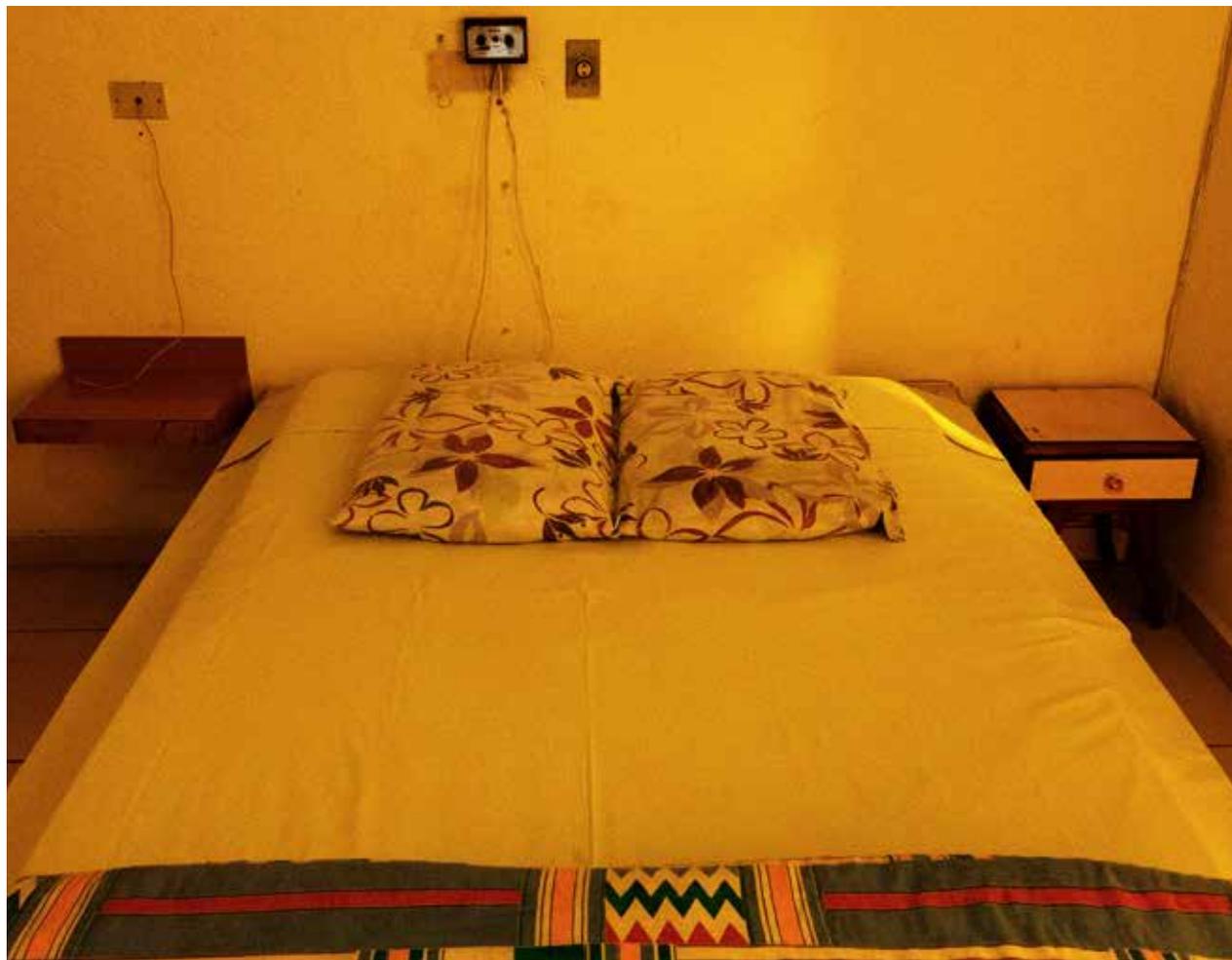
PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS

Armando Sobral (PA)
Brenda Brito (PA)
Lúvia Aquino (CE)
Renata Aguiar (AM)

Os artistas premiados

Pelo segundo ano consecutivo o Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia aposta no formato da residência artística. Dois dos seus três prêmios são concedidos desta maneira. Um artista de Belém sendo contemplado com a residência artística em São Paulo, sob a orientação da artista e pesquisadora Lívia Aquino e um artista de fora da capital paraense sendo premiado com a residência em Belém, tendo como tutora a curadora e pesquisadora Marisa Mokarzel.

Sobre isso, Mariano Klautau Filho, curador do projeto, comenta que “é importante continuar a experiência das residências, porque estamos desenvolvendo uma experiência nova, aprendendo a lidar com essa dinâmica. É um aprendizado que abre a possibilidade de o artista estabelecer relações com outros ambientes distintos de seu lugar de origem. A residência no Diário Contemporâneo é um laboratório para todos nós”, afirma.



Edu Marin Kessedjian, Abrigo



Edu Marin Kessedjian, Abrigo

REALIDADES FICCIONAIS

O artista plástico paulista Edu Marin Kessedjian teve a sua instalação áudio-fotográfica “Abrigo” contemplada nesta edição com o Prêmio Diário Contemporâneo. Ele conta que o trabalho “alude à vida que acontece nos hotéis de alta rotatividade do ‘centro novo’ de São Paulo. Esses são espaços baratos, no geral ocupados apenas por algumas horas, pelos motivos mais variados. São quartos que guardam em seus móveis, paredes, lençóis e objetos, resquícios e sugerem histórias da passagem de pessoas por ali”.

O formato de instalação busca expandir a potencialidade da fotografia ao propor, além das imagens, uma narração que conta seis pequenas histórias de personagens ficticiais que tem esses espaços como cenário. O artista frisa que as histórias são autônomas e não estão ligadas a nenhum quarto especificamente. Texto e imagem então se conectam de maneira aleatória criando conexões audiovisuais.



Ionaldo Rodrigues, C Nova Feira



Ionaldo Rodrigues, C Nova Feira

ARQUIVO E MEMÓRIA

O paraense Ionaldo Rodrigues conquistou o Prêmio Residência Artística São Paulo com a sua pesquisa “C Nova Feira”. Em 2014, um colega da instituição cultural em que ele trabalha foi avisado que um material de fotografia havia sido encontrado pelo pessoal do almoxarifado. “Não eram reproduções de livros de história da arte ou de história da fotografia, preparadas no passado da instituição para uso didático nas atividades de instrutores e alunos. As imagens coloridas, de fato, mostravam o que os suportes já indicavam nas inscrições à caneta e carimbo: uma nova feira na Cidade Nova fotografada por alguém a serviço da Companhia de

Habitação do Estado (COHAB)”, revela o artista. Três anos depois do arquivamento da caixa de slides, ele retorna às imagens, percebendo que com a reprodução e impressão delas seria possível tentar um encadeamento na aleatoriedade da projeção de slides sem numeração, autoria e datas. A instalação proposta foi construída nesse percurso. Entre a percepção de uma sucessão de imagens que acendem e apagam e a montagem de uma publicação, um expediente de indexação do passado.

O TEMPO E A DISTÂNCIA

O paulista Ricardo Ribeiro levou o Prêmio Residência Artística Belém. Porém, ele já é um velho conhecido das terras paraoaras. Seu trabalho vencedor, “Puxirum”, é um projeto iniciado em 2016. Tem lugar em São Pedro, uma comunidade de 120 famílias nas margens do rio Arapiuns, oeste do Pará. Lá “o tempo e o espaço têm uma dimensão diferente. A natureza é poderosa, onipresente, é ela quem dita o ritmo da vida, não há muito o que se possa fazer contra a escassez de peixes ou de caça, contra as cheias ou contra o sol forte da metade do dia; o ribeirinho é um passageiro exposto à sua própria sorte”, conta.

Há mudanças decorrentes dos programas razoavelmente bem-sucedidos de transferência de renda das duas últimas décadas e da difusão da informação, mas o modo de vida desta, e outras tantas comunidades ribeirinhas da Amazônia que este trabalho representa, surpreendentemente resiste às forças do capitalismo. As imagens de Puxirum proporcionam uma sensação de vida em suspensão, por acontecer. É uma exploração deste tempo e espaço tão frequentemente habitados pelo ribeirinho e tão fugaz para a maioria de nós.



Ricardo Ribeiro, Puxirum



Ricardo Ribeiro, Puxirum



Ricardo Ribeiro, Puxirum

Artistas Seleccionados e Participações Especiais



Élcio Miazaki, Impulsos Imitativos



Ana Lira, Terrane

Ana Lira (PE)

Terrane – Um diálogo com a trajetória das cisterneiras do semiárido brasileiro. Homens migravam para outras regiões em busca de trabalho e não retornavam. Ficavam mulheres e crianças à mercê de uma cultura que dificultava a atuação daquelas em profissões de construção, carpintaria, transporte. A Casa Mulher do Nordeste (CMN) é uma reação à essa cultura que as estagnava em trabalhos que não condiziam com o cenário socioeconômico da região. Centenas de cisterneiras foram formadas. Porém, a falta de espaço no mercado de trabalho e os silenciamentos seguidos produziram um hiato de 10 anos sem formações até o retorno em 2017.

André Penteado (SP)

Missão Francesa – O projeto é inspirado em fatos que se desenrolaram no Rio de Janeiro, a partir de 1816, com a chegada de um grupo de artistas franceses que tinha como objetivo fundar a Academia Imperial de Belas Artes e implementar o ensino formal das artes plásticas no país. A escolha pela Missão Francesa como tema partiu do desejo do artista em refletir sobre dois pontos recorrentes em nossa história: a ideia de que para resolver nossos problemas devemos importar um modelo externo e as grandes diferenças, no Brasil, entre o que é planejado e o que é efetivamente realizado.

Camila Falcão (SP)

Abaixa Que é Tiro – A artista é voluntária no Centro de Referência em Defesa da Diversidade

– CRD e passou a ter contato direto e constante com inúmeras mulheres trans e travestis. O projeto é uma oportunidade de trazer à tona essa pluralidade, contribuir para a desconstrução de estereótipos e, principalmente, colaborar na construção de uma nova e mais realista percepção em relação à essas mulheres. A maioria delas busca um pouco mais de segurança na passabilidade,

que é quando uma pessoa transgênera é lida como cisgênera (aquela que se identifica com o gênero que lhe foi atribuído ao nascimento). A artista convida a refletir sobre a questão: passar-se por, define o “ser”?

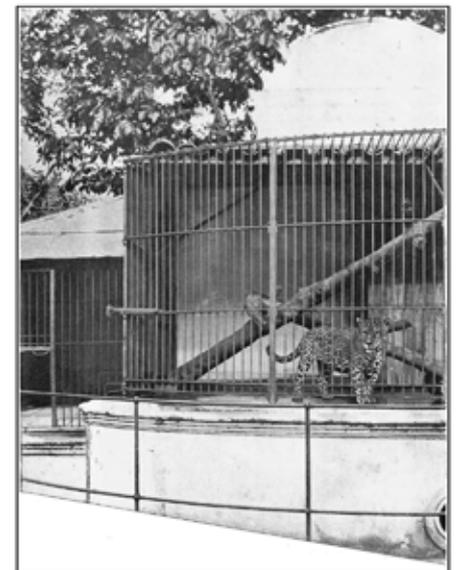
Élcio Miazaki (SP)

Impulsos Imitativos – Peças que apontam para condições típicas da vida militar, carregadas com uma sensível visada crítica que salienta questões importantes sem se deixar levar pela ofensa gratuita. Em tempos de polarização e intolerância, o artista nos faz questionar se este homem, assim como qualquer outro, não estaria sufocado por um peso incapaz de suportar. Ao optar pela simbologia das Forças Armadas para tratar de assuntos universais, mais que simplesmente revela a alma que persiste camuflada pela rudeza militar, indica que

somos todos soldados abandonados à própria sorte em um campo de batalha interior, cara a cara com nosso maior inimigo, aquela imagem que insiste em nos imitar e que não nos permite existir.

Emídio Contente (PA)

Museu: recinto das onças-pintadas – Proposta de caça liberada. Falta investimento em tudo que importa, sobram notas onde poucos tem de sobra. Malas e onças. O museu de Belém pegou fogo, encheram de água. Ninguém sabe sobre os papéis. O museu que é parque quase fechou. Falta tudo! Queriam que a arte contemporânea



Jaula da Onça

Emídio Contente, Museu: recinto das onças-pintadas



Fernando Schmitt, A Coleção do que Há

virasse restaurante chique, comida gourmet! Nada pertence. Menos, menos, menos. Mais, mais, mais! Exclamam. Símbolo do país. Nasceu cruzeiro real. Topo da cadeia. Onça-pintada. Museu.

Fernando Schmitt (RS)

A Coleção do que Há – O projeto converte objetos em imagem através de dispositivos fotográficos – quase sempre – e apresenta essas fotografias como coisas representando coisas, enfatizando sua materialidade, suas maneiras de existir e seus modos de se fazer visível e palpável. Identifica aquilo que é digno de foto e explora sua fotogenia. Documenta artefatos abandonados, pistas de uma existência específica, fragmentos que fotografam indiretamente ciclos humanos de consumo e uso, obsolescência e descarte. Evidencia comportamentos que pautam o valor das coisas a partir de critérios como utilidade e atualidade. Interroga sobre o fotográfico e o contexto social a partir de um trabalho imaginativo com fotografias.

Fernando de Tacca (SP)

O inferno nunca se farta – Imagens de colegas do artista presos e fichados pelo Departamento de Ordem Política e Social – DOPS na invasão da Pontifícia



João Paulo Racy, Vias

Universidade Católica de São Paulo, em 22 de setembro de 1977, sobrepostas em camadas de um cartaz religioso grudado em postes de iluminação de rua e deteriorados pelo tempo. A justaposição de uma frase que se desgasta, mas persiste no tempo e no espaço público mesmo em fragmentos, evoca uma crença moral de punição até mesmo com o passado, agora mais do que

nunca revivido por forças retrógradas em tempos de polarização política no Brasil. Muitos desses esquecem que tivemos ditadura, opressão, torturas cruéis e falta de liberdades democráticas e de livre expressão. O inferno parece que está presentificado muitas vezes em visões distorcidas da História.

Gabriela Lima (RJ)

Meu Brasil Varonil – Estereótipos de gênero e estruturas de dominação aparecem em diferentes manifestações e privilegiam o ideário masculino atribuído a funções de superioridade nas narrativas sociais. Assim, o homem ainda é percebido como o varão: sexo forte, dominador de classes e provedor. Faz-se importante a denúncia de que instituições como Estado, Família, Igreja, Mídia, História da Arte e a própria Fotografia, tiveram grande participação no fortalecimento desses signos e mitos. Com fotografias coletadas em feiras de antiguidade, em que seus retratados são homens em posição ativa e de liderança: políticos, militares, burocratas; a série provoca nos personagens intervenções mistas como colagem e pintura, atualizando as imagens e denunciando ironicamente a antiga estética de propagação da masculinidade e seus códigos viris.



João Castilho, Barca Aberta

Ivan Padovani (SP)

Trauma – O conjunto apresenta imagens de obras de infraestrutura de transporte paralisadas – uma paisagem quase padrão na cidade de São Paulo, especialmente nos últimos anos que antecederam as transformações urbanas prometidas para a Copa do Mundo. Mas ao isolar esses blocos de concreto e vigas metálicas as construções ganham o aspecto de monumentos, evocando um ideal de transformação que parece ter ficado em suspenso. O artista demonstra constante interesse em traçar diálogos com a escultura, desenho e instalação. O título pretende fazer uma analogia entre tais estruturas e o corpo, seja em seus aspectos físicos ou psicológicos. Traumas que reconhecemos a existência mas insistimos em relegar.

João Castilho (MG)

Barca Aberta – Em uma estrada vazia do interior de algum país, uma caminhonete se desloca pela rodovia. Logo ela pára o acostamento pegar um grupo de pessoas que sobe na carroceria com suas malas e objetos. Parecem estar de mudança, carregam tudo que conseguem levar com seus braços e pernas. A caminhonete segue viagem, um pouco mais à frente encontra outro grupo de pessoas. O veículo pára novamente e a cena se repete. Roda mais um pouco pela estrada e então ocorre uma nova parada, um novo grupo de pessoas embarca. O plano segue até que a caminhonete fique completamente lotada de pessoas, malas e outros objetos ocupando todos os espaços, beirando o absurdo.

João Paulo Racy (RJ)

Vias, SP – A Favela do Moinho é uma região do centro de São Paulo que desde 2006 vêm sendo disputada entre moradores da comunidade e governo, o qual tenta desapropriar o terreno ocupado para a construção de um parque, como parte de um dos polêmicos projetos



José Diniz, Terra Roxa

de revitalização da região. No ano de 2011, após o incêndio de um prédio que deixou dois moradores mortos e centenas de desabrigados com causas nunca

descobertas, o então prefeito Gilberto Kassab autorizou a desapropriação e implosão do mesmo. A ação não foi bem-sucedida, já que quatro dos seis



Marcelo Kalif, InBox

andares da construção se mantiveram de pé e precisaram ser demolidos com a ajuda de escavadeiras e outras máquinas pesadas.

José Diniz (RJ)

Terra Roxa – Nesse projeto, o autor explora a região do cerrado, bioma que cobre 25% do território brasileiro, berço de uma boa parte da água que é consumida no país. A preservação do cerrado tem sido um tema bastante discutido atualmente haja vista que a intensa ocupação da agricultura extensiva e do agronegócio vêm provocando uma série de desastrosos impactos ambientais e sociais.

Marcelo Kalif (PA)

InBox – Andar pelas ruas de Belém e observar o vai e vem do fluxo de veículos sempre nos traz boas histórias de vidas fascinantes e, muitas vezes, surpreendentes. Facilmente encontramos inúmeros trabalhadores dentro de caminhões do tipo baú em momentos de atividade laboral e, até mesmo, em seus merecidos descansos. Um universo de situações inusitadas dentro de uma caixa. Este é o enfoque do projeto no qual o autor vem, por dois anos, registrando esses trabalhadores que não medem esforços para realizar seus ofícios e que são de grande importância para a economia de qualquer cidade, especialmente na capital paraense.

Marcílio Costa (PA)

Epístolas da voz à deriva – Fotografias feitas em três ilhas da região insular de Belém (Cotijuba, Caratateua e Mosqueiro), onde o artista é professor de Arte. Imagens das mesas de alunos de várias escolas públicas e, antes de condená-las ou reduzi-las ao registro de vandalismo, ele prefere pensá-las enquanto cartas dirigidas a todos nós. Há também a precariedade e o abandono de um sistema social no qual a educação está inserida. Seria uma desfaçatez inferir



Marcílio Caldas Costa, Epístolas da voz à deriva

tal degradação exclusivamente a quem sente diariamente diante de tais objetos, pois eles são o fio de um tecido onde estamos envolvidos. As mãos que o tecem são muitas e históricas. Essas cartas nos dizem muito daqueles que, lançados no mundo parecem à deriva tal qual a região em que moram, alijada e “ilhada” do contexto socioeconômico local.

Marco Antonio Filho (RS)

Treze casas e um conjunto habitacional – A série apresenta uma tipologia de

casas na cidade alemã de Düsseldorf que foram – a pedido de seus donos – “borradas” no Google Street View. Na Alemanha é direito dos moradores solicitarem isso ao serviço, uma garantia de privacidade. As construções que constituem o cerne desta obra seguem, de certa maneira, as características das edificações fotografadas pelo casal de artistas Hilla e Bernd Becher: o anonimato da auto-

ria e a funcionalidade da forma. Assim, o artista busca tencionar as questões relativas à ideia de privacidade no atual contexto social hiper mediado por tecnologias de geolocalização, ao mesmo tempo que reflete sobre as possíveis reconfigurações e usos da imagem fotográfica dentro de lógicas de automação de tais serviços.

Maurício Igor (PA)

“O lugarzinho pra ter viado” – A prática do “banheirão” se difundiu entre os



Maurício Igor, Ô lugarzinho pra ter viado



Marco Antonio Filho, Treze Casas e um Conjunto Habitacional

homossexuais e é realizada em banheiros de diversas instituições públicas e privadas. A partir deste ensaio é possível refletir e discutir sobre diversas questões sociais para além da prática sexual nos banheiros, como o estereótipo de sexualização do homem negro, a cultura do ódio manifestada por discursos homofóbicos e a rejeição dentro da própria comunidade gay aos gays afeminados. O trabalho mostra um tipo de comunicação e prática social que vêm sendo realizada há anos. A utilização do cyberspaço, assim os escritos nas paredes, representam uma cultura, entendendo-se cultura como a produção do homem. Trata-se, portanto, de uma expressão histórica, que demarca uma sociedade, um tempo.

Natasha Ganme (SP)

Contorno – A série investiga a vida social das coisas, o vestuário não apenas como matéria que envolve o corpo, mas como mediador, elemento que se molda conforme a sensibilidade, a exposição ao entorno e aos estímulos. A roupa e o tecido tratam de memória, do vestígio,

do que veste e contorna um invólucro, mas também do que permanece: é o que sobra. As vestimentas, além de representarem a presença física e rememorarem a todo instante a ausência de quem partiu, denotam também suas escolhas pessoais, seus gostos e opiniões: são verdadeiras relíquias.



Natasha Ganme, Contorno



Pedro Clash, Limite



Carlen, mas em um momento de casa
out/17

Paulo Baraldi, Diário Breve

Paulo Baraldi (SP)

Diário Breve – Com a proposta de apresentar fotografias como páginas de diário, o autor descortina sua intimidade e expõe sua realidade de forma não glamourizada – apesar de camarotizada pela própria exposição em páginas de um fotolivro – numa busca por novas formas de representação. Ao tratar daquilo que o constitui – lugares, pessoas, situações, sentimentos – busca no ambiente pessoal, referências para a universalidade que nos une, expondo de forma direta a convergência de questões íntimas inerentes a todos. Que a identificação do ser se dá na sua relação com o outro.

Pedro Clash (SP)

Limite – O muro. De que lado você está? Qual a origem do distanciamento entre as pessoas que as coloca

cada vez mais numa polaridade, num afastamento de valores mais gentis e humanos? O muro é símbolo histórico de fronteiras, segregação política e social. É o muro que nos separa em lados, que nos protege em nossas casas, que priva, proíbe, impede de ver o outro, que diz o que é e quem somos. O muro intelectual e emocional. No decorrer do tempo ele se transforma, se estabelece, revela ranhuras, cicatrizes das suas vísceras. No muro que está no tempo das estações, é o próprio tempo quem o movimenta, transforma e o deteriora. Nos nossos muros é o movimento do tempo de cada um que o define e derruba.

Roberto Setton (SP)

Retrato de manifestante – Nesse universo de diferentes vertentes políticas, sociais, raciais, de gênero e outros assuntos, a intenção do artista foi querer averiguar se havia ou não diferenças faciais, de expressão, estilos e idades nas diferentes manifestações. No processo, observou que, muitas vezes, manifestações de raízes ideológicas tão diferentes, reivindicam coisas muito parecidas entre si. Ele



Thiéle Elissa, Estranhos íntimos

teve também a intenção de igualar visualmente, ao máximo, os diferentes manifestantes, independentemente de suas diferenças ideológicas. Ao escutar a todos, se pergunta se as demandas de mudanças do século XXI podem ser resolvidos através da escuta do outro, da tolerância e do diálogo entre forças opostas.

Sérgio Carvalho (PI)

Sobre o peso das correntes em teus ombros – Desde 1995, quando o governo reconheceu a existência de trabalho escravo, foram libertadas mais de 52 mil pessoas dessa triste condição no país. Em 1996, o artista começou a fotografar trabalhadores vítimas da escravidão moderna para dar visibilidade

ao tema, contribuindo para conscientização e erradicação dessa chaga que ainda perdura em todas as regiões. O que mais o sensibiliza é a degradância do trabalhador a partir do local onde dorme, descansa e da comida e água que lhe é servida. Retrata a precariedade de vida, a solidão e a desesperança estampadas no olhar de homens em situação extrema de exploração em São Paulo, Piauí, Ceará, Paraná e Pará.

Thiéle Elissa (RS)

Estranhos íntimos – Com o nascimento de grandes conglomerados urbanos, tivemos que aprender a lidar com a ideia de multidão. Mais do que aquela que nos tromba e confronta pelas ruas, uma multidão de fisionomias que cruzam

nossos olhos todos os dias. Assim, a artista passou a registrar os olhares de usuários de metrô. Com uma estética de close furtivo, obtida na pós-produção, desloca-os de seu local de origem, levando-os para outro espaço temporal e remontando a troca de olhares desses estranhos íntimos.

Tiago Coelho (RS)

Dona Ana – Ela foi a babá do fotógrafo e chegou em sua casa quando ele tinha seis anos, vinda do Pará para o Rio Grande do Sul com 17 anos em busca de melhores condições de vida. Não sabia ler nem escrever e perdeu completamente o contato com a sua família. Após 40 anos sem notícias de seus pais e irmãos, decidiu que era hora de resgatar suas origens. Ela pediu para o artista tirar uma foto da sua família constituída no Sul para mostrar caso encontrasse algum parente no Norte. A instalação é composta pela fotografia, um livro com as histórias escritas por Ana e um vídeo reinterpretando esses relatos no Pará contemporâneo.



Tiago Coelho, Dona Ana

PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS

Armando Sobral (PA)

Armando Sobral, Dinho, da série Experiência do erro

Experiência do Erro – O artista faz, à carvão, retratos de lavradores e lideranças assassinadas em conflitos de terra. Este foi o modo que encontrou para enfrentar o esquecimento, de cruzar a sua própria história com a luta desses personagens trágicos. A censura à fala crua da

violência procurou ser tratada e exposta nesses retratos. Não foi aleatória a escolha do carvão e do papel ordinário, o manilha, como suporte. Há um quê de anacronismo nisso tudo? Sim. De um presente anacrônico que, na visão do artista, precisa ser perturbado com as sobrevivências do passado.

Brenda Brito (PA)

Antes do Espetáculo – Existem muitos profissionais circenses que buscam sobreviver e levar alegria a várias cidades do Brasil. Sem os incentivos culturais governamentais e patrocínios de grandes empresas, esses circos se instalam em bairros de periferia das grandes cidades ou em cidades do interior, focando em um público que pode custear ingressos mais baratos em troca de diversão. Em muitos casos eles carregam a tradição familiar, pois é frequente encontrar pais e filhos ou casais dividindo o palco. A condição muitas vezes precária de vida desses grupos cede espaço a genuínos sentimentos de missão, dedicação, humildade e profissionalismo.



Brenda Brito, Antes do Espetáculo

Lívia Aquino (CE)

Viva Maria – O trabalho é uma citação direta à obra *Viva Maria*, de Waldemar Cordeiro, exposta na Bienal de Artes da Bahia de 1966, período da ditadura militar e que foi retirada pelo então governador Antônio Carlos Magalhães. Cinquenta anos depois torna-se imagem frequente nas redes sociais associada a “canalhocracia” escancarada no Brasil. O esforço da artista é para mobilizar grupos distintos dispostos a costurar e conversar acerca de assuntos relevantes

para os presentes, aquilo que pode ser de todos. Coser a palavra e ao mesmo tempo falar sobre quando somos feridos por ela – quando a canalhice é estrutural a ponto de respingar em todos nós.

Renata Aguiar (AM)

Campina 562 – Essa era a nossa casa. O que ficou? Os copos que quebrei. E as plantas que esqueci de molhar (ruínas). Me passa o último copo – que resta. Toma mais um cigarro. Desenha para mim a linha branca.



Lívia Aquino, Viva Maria



Renata Aguiar, Campina 562

A imagem compartilhada

FLAVYA MUTRAN É A ARTISTA CONVIDADA DA NONA EDIÇÃO

Mestre e doutora em Artes Visuais pelo PPGAVI do Instituto de Artes da UFRGS, com pesquisas sobre arquivos fotográficos e compartilhamentos de imagens via web, Flavya Mutran atualmente é professora do Departamento de Design e Expressão Gráfica na Escola de Arquitetura da UFRGS, em Porto Alegre (RS), onde vive desde 2009.

Seus trabalhos abordam muito a questão da fotografia como elemento construtor de memórias. Seriam as fotografias as histórias da representação?

De certa forma sim, já que de um jeito ou de outro, fotografias acabam representando alguma coisa ou alguém, certo? Se pensarmos em fotografias como aquilo que opera com a nossa noção de tempo, de espaço, de escala, e de tantas outras formas de presentificações, então elas são mesmo empreendimentos memoráveis. Aliás, essa é uma maneira ótima de olhar para fotografias: ter a devida consciência de que elas não são testemunhas fiéis dos acontecimentos, ainda que teimosamente a gente adore se deixar enganar por elas.

Fotografias e fotografados representam, apresentam, inventam. Tem sido assim desde o princípio da História da Fotografia.

A internet se tornou uma grande enciclopédia virtual e você mergulhou nela em pesquisas que tem como foco desde a figura humana até o “apagamento” desta. O que te levou a investigar esse assunto? Se para alguns a fotografia enquanto linguagem, miniaturizou e transformou o mundo numa versão portátil, a internet é sua plataforma de embarque e desembarque. Ela tem sido o ponto de partida dos meus últimos trabalhos não apenas pelo viés enciclopédico, mas principalmente porque parte da metodologia de acesso aos canais da rede envolve algum tipo de relação PALAVRA + IMAGEM e isso sim move meu trabalho.

Foi da relação de interdependência entre texto e fotos, que comecei a olhar como as pessoas se comportam e como transformam a si mesmas em lugares, IPs localizáveis de várias partes do mundo.

Mapear endereços virtuais e fotografar essas autorrepresentações, para mim, é quase o mesmo que fazer uma viagem para algum território diferente do meu sem, no entanto, precisar que eu tire os pés de casa. Assim, o melhor da interdependência palavra-imagem na web é a possibilidade de construir relações de sentido diferentes para uma mesma imagem, alterar os pontos de observação sem mudar o ponto de vista inicial do fotógrafo precursor de determinada cena. Gosto de pensar que criar apagamentos ou sobreposições de elementos visíveis em fotografias do passado são alternativas de futuro para narrativas tidas como encerradas. É como se eu convidasse outros olhares para atuar em novas fábulas em cenários já conhecidos.



Da série DELETE.use - Foto - Flavya Mutran

Atualmente vivemos em um mundo com o qual nos relacionamos através das imagens, mas, ao mesmo tempo, também nos fazemos presentes produzindo conteúdo visual diariamente. Qual seria então o papel cultural da fotografia para você?

Ela integrou a comissão de seleção do 9º Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia do qual também é artista convidada. Trabalhos conhecidos como EGOSHOT, BIOSHOT e DELETE.use serão apresentados na mostra “Lapso”.

Na entrevista a seguir, Flavya conversa sobre a sua relação com a fotografia e com o nosso mundo mediado por imagens.

Segundo Paul Ricoeur, nossa relação com o tempo é feita da mistura entre o histórico e o ficcional. Nesse sentido, o imaginário é fundamental pois a ficção de certa forma é também histórica, inerente a todos nós. A fotografia, cada vez mais acessível e democrática, é uma riquíssima linguagem para construção do imaginário, seja factual, histórico ou ficcional, certo? Através dela é possível criar discursos que misturam vivências e vocabulários pessoais com repertórios e dinâmicas coletivas, e é daí seu papel cultural tão relevante. Cada um de nós pode assumir-se como fotógrafo e, portanto, como narrador. A fotografia, então é esse canal (auto) discursivo. Este, aliás, é o mote que o Mariano Klautau Filho criou para o edital dessa edição do Prêmio, “Realidades da Imagem, Histórias da Representação”, testando e talvez atestando em que medida a fotografia está a serviço dos dois extremos do imaginário contemporâneo.

Em muitos dos seus trabalhos há o uso de suportes diferentes como vídeo, gravura, instalação, entre outros. Eu percebo todos eles como desdobramentos a partir da fotografia. É correto afirmar isso? Por que? Sim, todo suporte que eu adoto como meio deriva de uma matriz fotográfica. Sou uma legítima representante da espécie HOMO PHOTOGRAPICUS, descrita por Michel Frizot como aquele tipo de criatura que aprendeu a ver e se expressar através de lentes. Mas para ser bem honesta, a fotografia como meio apenas não basta.

Nunca bastou para mim. Ela sempre foi rápida demais enquanto ferramenta de produção de imagem, daí que nunca me dei por satisfeita de encerrar assuntos depois do disparo da câmera. Sempre procurei entender o tempo de maturação da imagem após a captura, seja no laboratório químico,

escavando negativo, criando camadas sobre o papel ou transferindo imagem para tela ou metal. Tudo procurando uma maneira de permanecer no campo das maquinações da imagem.

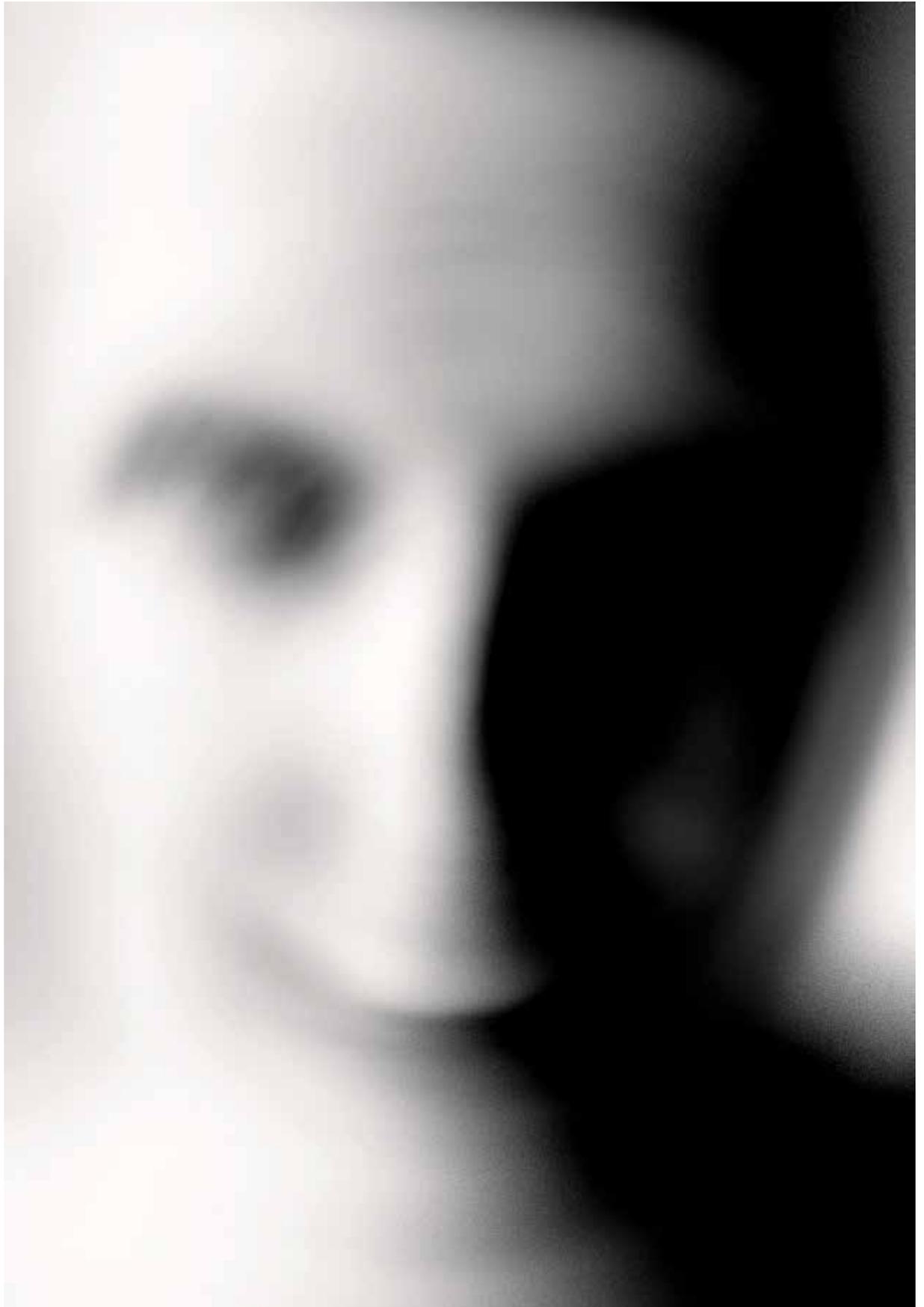
Como você enxerga a nossa relação atual com as imagens? Há quem diga que vivemos uma saturação de selfies, mas não seriam elas tentativas de autoconhecimento?

A principal atração que fisga nossa atenção na web é a imagem. Fotografias e vídeos são as iscas perfeitas para aumentar o tempo de navegação. É a partir de imagens que nos colocamos diariamente à mercê de um sistema codificado que regula todo e qualquer tipo de trânsito de informação em rede, mesmo que a maioria de nós sequer saiba quais são as implicações reais desse vínculo. Não é à toa que o termo mais adequado para definir nosso papel na web seja o de USUÁRIO, tão próximo ao consumo de drogas, justamente porque imagem alicia, vicia, pode causar dependência. Não dá para saber em que medida o excesso de imagens ao qual somos constantemente bombardeados atrapalha ou contribui para o nosso autoconhecimento. Fato é que desde a popularização dos dispositivos móveis de acesso à internet as fronteiras entre o espaço público e o privado sofreram grandes rupturas. A partir da época da chamada WEB 2.0, lá pelo início dos anos 2000, o ego humano parece ter se agigantado dando o tom das relações objetivas e subjetivas que tratam do local e do global na cena contemporânea. Cada dia fica mais claro que, por trás das páginas pessoais, há muitos interesses corporativos das grandes empresas que financiam as redes gratuitas da internet escusos nos algoritmos que lhes constituem.

Se hoje o meio virtual é o guardião de nossas histórias mais secretas e da nossa imagem mais pública, que preço pagaremos pela guarda consignada da nossa memória? Quem nos assegura que no futuro teremos acesso fácil aos nossos arquivos pessoais de textos e imagens que estão online? Será que mantê-los e acessá-los ainda será gratuito? Na falta de máquinas que decodifiquem esses algoritmos, quem garante que seremos capazes de lembrar do nosso tempo e das muitas versões digitais das nossas fotos, textos, sons, entre outros?

O que você anda pesquisando atualmente?

Só duas coisas atualmente atraem minha atenção e curiosidade: as fotos da Curiosity Rover da NASA e uma vontade enorme de um dia cruzar com o carro do Google Street View!



Da série EGOSHOT - Foto - Flavya Mutran

Mostra Audiovisual Sem Destino

Diário Contemporâneo recebe exposição de videoarte vinda de Porto Alegre

Iniciada em 2014, a mostra de videoarte Audiovisual Sem Destino – AVSD vem sendo uma oportunidade ímpar de apreciação da jovem produção de videoarte no Brasil. A exposição é um dos tripés da pesquisa de mesmo nome coordenada pela artista e professora Elaine Tedesco, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre.

A AVSD que integra a nona edição do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia como mostra convidada é uma retrospectiva dos trabalhos selecionados nas três edições anteriores (2014, 2015 e 2016). São 68 vídeos de diferentes temáticas e estilos apresentados sequencialmente em looping contínuo.

Artistas dos mais diversos lugares do Brasil participam do edital anualmente. Segundo Elaine, a oportunidade de circulação trazida pelo Diário Contemporâneo “permite a difusão da obra dos artistas, amplia a possibilidade de inserção do audiovisual em diferentes contextos culturais e favorece o ambiente para a reflexão sobre o vídeo feito por artistas na atualidade”.

Desde a sua primeira edição em 2010 o Diário Contemporâneo não limita os suportes. Assim, apesar de ser um edital de fotografia, as outras linguagens artísticas sempre foram acolhidas. Nesta ocasião especial a curadora observa que o convite para a mostra de vídeos “sinaliza para o grande público o entendimento sobre a ruptura dos limites da fotografia”.



Denise Adams, Marambaia (2015)



Eduardo Montelli, Perder o nada é um empobrecimento (2014)



Fernanda Pujol, Sem título (2015)



Filipe Rossato, Escafandro (2015)

Artistas Participantes

2014

Alexandre Copês · Bruno Gularte Barreto · Chana De Moura · Chico Machado · Eduardo Montelli · João De Ricardo · Kevin Agnes · Letícia De Assis · Louise Kanefuku · Maciel Goetzler · Mailson Fantinel · Patricia Francisco · Patrick Tedesco · Viviane Gueller

2015

Adriani Araujo · Alexandre Copês · Ali Savage & Vini Rodrigues · Aline Gabrielle Renner · Amanda Copstein · Beatriz Rodrigues · Dani Amorim · Denise Adams · Edson Gandolfi · Fabricio Almeida · Felipe Pergher · Fernanda Pujol · Fernanda Puricelli · Filipe Rossato · Flavia Fogliato · Gabriel Pessoto · Guilherme Sommermeyer · Itapa Rodrigues · Letícia Teixeira · Lu Rabello · Marcello Birck · Matheus De Simone · Mickken Diogo · Natalia Schul · Renan G. Dalmoro · Ricardo Ayres · Taís Gonçalves

2016

Ariane Oliveira · Amanda Garcia · Camila Souza · Calvin Maister · Cristina Gross, Leandro Machado & Rafael Wolski · Curai Salina & Pedro Paiva · Daniel Seraphim · Felipe Alonso · Filipe Rossato · Guilherme Sommermeyer · Joao Queiroz, Ian Habib & Saulo Almeida · Julia Franz · Luan Dresch · Louise Kanefuku · Mailson Fantinel · Nathalia Grill · Rafaela Boettcher · Ramon Busanello & Ariberto Filho · Sheron Neves · Taila Soliman · Victor de La Roque · Viviane Vallades · Walter Karwatzki · William Hart

Ao lado dela, do lado de lá

Dentro da AVSD também existe a sessão “Ao lado dela, do lado de lá”, trazendo vídeos contemporâneos de mulheres artistas. A mostra é dividida em quatro partes: vetores de outros trabalhos; registros de ações cotidianas; videoperformances e narrativas em vídeo.

Artistas Participantes

Amanda Teixeira, Ana Paula Pollock, Ananda Aliardi, Andressa Cantergiani, Camila Leichter, Dani Amorim, Daniela Távora, Deni Corsino, Lu Rabello, Lucia Koch, Marina Camargo, Marion Velasco, Natalia Schul, Rochelle Costi, Samy Sfoggia, Sandra Becker, Tula Anagnostopoulos, Viviane Gueller



Lúvia Pasqualli, A saga do Herói (2016)



Mailson Fantinel, Cinco rosas vermelhas (2014)



Patrick Tedesco, Imagem em derretimento n1. (2014)



Taila Soilman, Quimera (2016)



Victor de La Roque, Linha (2016)



Daniela Távora, Quem será o rato do século XXI (2017)

Visitação pode ser agendada

Uma das principais preocupações do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia é fomentar a reflexão a partir da arte. Por isso, anualmente o projeto dedica um momento para formar a sua equipe de educadores que recebe os mais diversos públicos nos espaços dos museus. Intitulada “Tempo para duvidar: por uma formação de espíritos livres”, a ação educativa deste ano atua nas exposições da 9ª edição que têm visita aberta ao público no Museu do Estado do Pará e Museu da UFPA. Os professores que queiram levar as suas turmas podem solicitar o agendamento das visitas pelo site www.diariocontemporaneo.com.br ou no telefone 4009-8695, no horário de 10 às 15h. As solicitações estão sujeitas à disponibilidade de agenda. Após o cadastramento de informações no site, todos os pedidos serão respondidos por email ou telefone.

Com coordenação de Rodrigo Correia, a equipe é formada por estudantes universitários de diversas áreas. Eles participaram de um minicurso com a responsável pela curadoria educativa desta edição, Cinthya Marques, e se aprofundaram na trajetória do projeto, temática deste ano e trabalhos escolhidos.

Os mediadores atuam em “um trabalho com ênfase na formação de cidadãos com foco em estudantes do ensino fundamental e médio, possibilitando o acesso ao ensino das artes visuais e priorizando como mote principal fomentar uma forma de pensar/refletir diferente do que se espera, para além dos muros das escolas em consonância com as instituições educacionais (espaços museológicos e exposições de arte), abrindo múltiplas possibilidades de diálogos entre Arte, Fotografia e Sociedade”, explica Cinthya.

Para a composição do tabloide foram preparadas propostas educativas que



Foto de Irene Almeida

relacionam os trabalhos selecionados à realidade dos estudantes, estimulando a reflexão a partir das obras.

“Nesta edição o projeto educativo visa desenvolver possibilidades de inserir em debate temas contemporâneos presentes na sociedade brasileira, abrindo espaços de diálogos entre estudantes e obras de arte através do acesso à informação, para que nesta edição os educadores possam discutir com os estudantes temas relacionados à realidade social e política dos principais assuntos em debate no país”, acrescenta.

Qualquer grupo que se organize pode realizar um agendamento prévio da sua visita. Além disso, o público flutuante também encontra suporte na equipe de mediadores. Eles estão aptos para fornecer informações sobre obras e artistas, além de temas pertinentes à exposição.

Assim, o museu se torna um espaço de pertencimento e de diálogo. A renovação das didáticas entre alunos e professores e a aproximação do público com as obras são só alguns dos benefícios que isso traz.



Foto de Irene Almeida

AGENDAMENTO

Ademar Queiroz

(91) 4009-8695 (10 às 15h)

Ficha de inscrição no site: www.diariocontemporaneo.com.br

Informações: educativopremiodiario@gmail.com

Ação Educativa

Caro educador (a),

Para esta edição o projeto educativo do IX Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia definiu como tema as múltiplas possibilidades de vivências e aprendizados nas artes visuais, com o título “Tempo para duvidar: por uma formação de espíritos livres”.

Esta temática visa facilitar o acesso ao ensino das artes visuais dentro e fora do ambiente escolar, abrindo possibilidades de diálogos entre arte, fotografia e

sociedade. Nosso objetivo é desenvolver um trabalho com ênfase na formação de cidadãos, com foco nos estudantes e professores que terão a possibilidade de acessar os espaços expositivos e ampliar o diálogo a partir do contato com as obras presentes na exposição.

Nossa prioridade este ano é fomentar a possibilidade de pensar e refletir diferente do que se espera, para além dos muros das escolas. Como vem se desenhando anualmente, a ação educativa visa enfatizar a aproximação entre as obras de cada

edição com o público visitante, formado em sua maioria por educadores, artistas, estudantes e demais interessados em Arte Contemporânea.

O projeto educativo pretende abrir possibilidades de conversa ao inserir em debate temas contemporâneos presentes na sociedade brasileira, oferecendo espaços de diálogo entre visitantes e obras de arte. Tudo isso através do acesso à informação e possibilitando que nesta edição os educadores possam abordar temas diretamente ligados à realidade social e política em debate no país.

Para tal, vamos adotar como tessitura entre os trabalhos a formação de espíritos livres, adaptação do conceito de Friedrich Nietzsche em sua obra «Humano, demasiado humano» (1878) onde ele afirma que “... não existem fatos eternos, assim como não existem verdades absolutas”. Neste sentido, para discutir o tema desta edição, “Realidades da imagem, histórias da representação”, será necessário que os educadores tenham a abertura



André Pentead, Visita do ateliê de pintura Cândido Portinari, da Escola de Belas Artes da UFRJ, 2017 (Parte do projeto Missão Francesa)

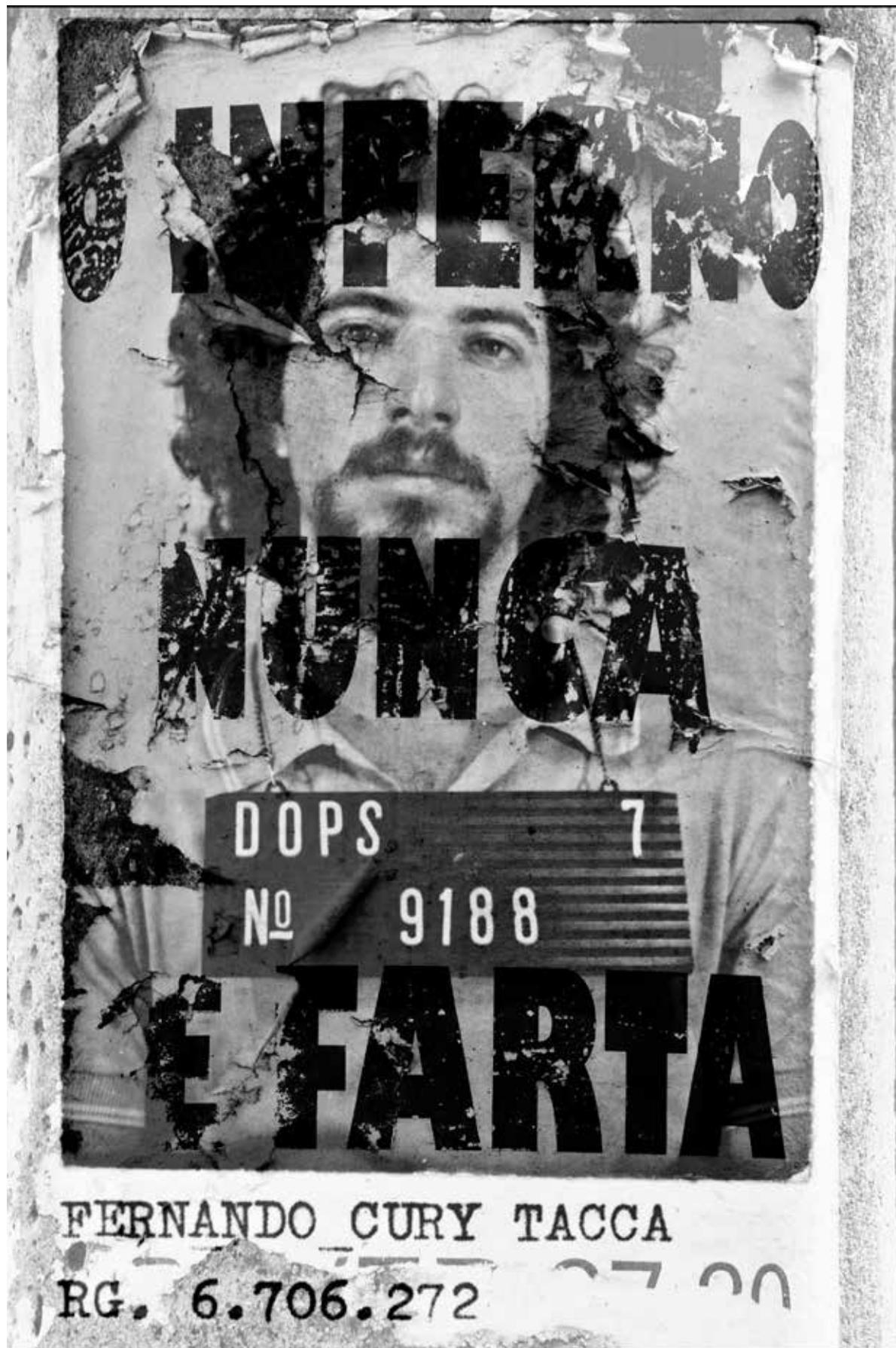
de posicionar um debate diante dos comportamentos, atitudes, verdades e possibilidades acerca da imagem fotográfica. Formar cidadãos de espíritos livres é ensinar a pensar de forma diferente do que se espera, abrindo possibilidades de diálogos profundos entre arte e sociedade. Somente assim será possível educar para o futuro, possibilitando a esta geração que o seu espaço de pensar e refletir seja assegurado na educação. Esperamos assim, contribuir com a formação de cidadãos críticos e conscientes de seu poder geracional na sociedade. Elaboramos uma série de propostas educativas que visam auxiliar os educadores no processo pós-visitação, no retorno às salas de aula. As discussões iniciadas dentro do espaço expositivo serão ampliadas para o ambiente escolar através de propostas que facilitarão a abordagem do ensino aprendido, voltadas para a experiência da percepção e da criação artística. Contextualizando na prática, um laboratório de entrelaçamento entre obras e público. Partindo deste viés, o educativo do projeto propõe atividades que possibilitem a compreensão e o questionamento diante das obras dos artistas, a fim de traçar outros caminhos em busca da autonomia do pensamento entre arte e reflexão.

Cinthy Marques – Curadoria educativa
Rodrigo Correia – Formação de educadores

André Penteadó é um dos artistas desta edição que traça um paralelo entre o trabalho do fotógrafo com a prática do historiador. Ele acredita que a fotografia serve como ferramenta para a reflexão entre as narrativas históricas enquanto forma de investigar o passado.

Sua série selecionada, “Missão Francesa”, parte de fatos narrados na história das artes visuais brasileira. Um grupo de artistas franceses veio até o Brasil, em 1816, com a missão de ensinar as Artes Plásticas na cidade do Rio de Janeiro, a convite da coroa portuguesa. Liderado por Jean-Batiste Debret, o grupo tinha o objetivo de estabelecer o ensino acadêmico das artes plásticas no território brasileiro, inexistente até então.

É certo que esse modelo se propaga até hoje no ensino das Artes Visuais no país, bem como reflete a questão do modelo de aprendizado importado que foi incorporado ao cenário educacional brasileiro. Ele ainda prevalece na maioria dos ambientes do ensino público e privado das artes, sem sofrer uma adaptação próxima da realidade do cenário artístico brasileiro contemporâneo.



Fernando de Tacca, O inferno nunca se farta



Roberto Setton, Retrato de Manifestante. Rolezinho Fora Temer. Manifestação organizada pela Frente Povo Sem Medo contra o presidente interino Michel Temer. 22.05.2016

Fato evidente é que, ensinar sobre arte do ponto de vista europeu distancia os alunos da realidade em que estão inseridos, principalmente na Amazônia, uma vez que no Brasil ainda existem artistas invisibilizados (indígenas, negros, amazônidas). Isso fortalece a ideia de que o ensino válido para o processo de aprendizagem parte de fora, que não tivemos autonomia neste processo.

Nesta perspectiva convidamos os educadores a conversar sobre este assunto e refletir: como estamos ensinando arte europeia e arte brasileira nas salas de aula? A sugestão para esta atividade é que os alunos sejam convidados a pesquisar sobre a Missão Francesa para que, após o conhecimento do fato histórico, possam criar um diálogo com a realidade do ensino das Artes Visuais no Brasil nos dias atuais.

*

Fernando de Tacca, na obra “O Inferno nunca se farta”, fotografa pessoas que foram presas e fichadas na invasão da PUC, em São Paulo, durante o regime militar. Estes retratos estão sobrepostos em camadas por um cartaz e expostos nas ruas à ação do tempo, sofrendo intervenções naturais. O trabalho fundamenta-se como essencial na discussão atual em que se vive no Brasil. Cresce a cada dia um discurso que pretende valorizar um comportamento de retorno a este cenário muito preocupante da história do país.

Roberto Setton, na série “Retrato de Manifestante”, fotografa aqueles que estão saindo às ruas nos dias atuais em protesto aos rumos que o país está tomando atualmente. Caminhando pelas ruas de São Paulo esses manifestantes concordam em ceder sua imagem ao fotógrafo em diversos ambientes de lutas políticas e sociais. O artista oferece ao espectador a possibilidade de refletir sobre os



Camila Falcão, Abaixa Que é Tiro

diversos pontos de vista e questionar: é possível praticar a tolerância mesmo em posições opostas de luta?

Ambos os trabalhos traçam um paralelo entre passado e presente: quando parte da sociedade brasileira perdeu seus direitos políticos durante o regime militar e sobre os dias atuais quando há uma necessidade de protestar na busca por igualdade e impedir que aconteça novamente essa perda de direitos dos cidadãos brasileiros.

Diante disto a proposta para esta atividade é que o debate seja aprofundando em sala de aula com os alunos, fomentando uma reflexão sobre o quão danoso é o retorno às práticas de eliminação dos direitos civis. O objetivo é compreender o quão prejudicial pode ser este cenário configurando-se novamente no Brasil.

Incentive que os alunos produzam um texto com uma reflexão entre os períodos da Ditadura Militar e escrevam sobre a relação com o cenário político atual, apontando para a necessidade de pensar sobre os temas a partir das obras dos artistas citados.

*

Camila Falcão, em seu trabalho “Abaixa que é tiro”, exhibe retratos íntimos de mulheres trans e travestis. Ela busca na série de fotografias trazer à tona a pluralidade e diversidade de corpos, personalidades, histórias, vidas pessoais e contribuir com a construção de identidades mais realistas em relação a essas mulheres. Muitas delas tentam se aproximar cada vez mais da realidade cisgênera para tentar se adaptar na nossa sociedade transfóbica. O Brasil é o país que mais mata travestis e que mais consome pornografia do gênero.

No trabalho de Sérgio Carvalho, “Sobre o peso das correntes em teus ombros”, o artista discute a questão do trabalho escravo. Mesmo erradicado oficialmente no país no século XIX, ele ainda é uma realidade presente até os dias atuais. Muitos trabalhadores executam jornadas exaustivas em atividades econômicas rurais como a pecuária, produção de carvão e os cultivos de cana-de-açúcar, soja e algodão. O fotógrafo registra trabalhadores vítimas da escravidão moderna em busca de dar visibilidade ao tema e, de alguma forma, contribuir para a denúncia desse tipo de prática. No ensaio, ele procura retratar a situação degradante desses trabalhadores em forma de denúncia e transformação social.

Ambos os trabalhos dão visibilidade para personagens muitas vezes ignorados pela sociedade. Camila Falcão fotografa travestis e mulheres trans que são omitidas, invisibilizadas e ignoradas por parte da sociedade brasileira, enquanto que os trabalhadores retratados por Sérgio Carvalho em situação de semi-escravidão são ignorados pelos poderes executivo, legislativo e judiciário. A realidade desses trabalhadores é conhecida, mas ignorada. Muitas vezes há um interesse em manter esses trabalhadores sem direitos. Assim,



Sérgio Carvalho, Sobre o peso das correntes em teus ombros

vamos perdendo não somente enquanto cidadãos, mas enquanto sociedade, que invisibiliza os mais pobres em prol do incentivo à criminalização das camadas populares.

Discuta em sala de aula as questões voltadas para as desigualdades sociais utilizando os trabalhos em evidência e outros exemplos para conscientizar os alunos destas práticas. Utilize as fotografias para criar relações entre os dois grupos sociais, ouvindo o que os estudantes pensam e como enxergam essas pessoas e suas condições de vida em sociedade.

*

Ivan Padovani, na série “Trauma”, observa a cidade em que mora (São Paulo) e fotografa as mudanças que esta cidade vivencia com obras e construções que modificam a paisagem urbana. O artista entende estas imagens como

recortes do cotidiano das cidades. Suas imagens são elementos gráficos dessa paisagem urbana.

Para traçar um diálogo sobre o tema, desenvolva uma atividade de desenho livre, incentivando que seus alunos produzam desenhos de construções próximas do ambiente em que vivem (escola, casa bairro) com a pergunta: que lugares são esses que estão em permanente construção que observamos da cidade?



Ivan Padovani, TRAUMA

Gostou do material? Gostaria de fazer sugestões ou críticas? Escreva para a gente!
Mande um email para educativopremiodiario@gmail.com. Este tabloide está disponível
para download gratuito no site www.diariocontemporaneo.com.br.

IX Prêmio

Diário

contemporâneo

de Fotografia

REALIZAÇÃO

Diário do Pará



APOIO INSTITUCIONAL



SIM
Sistema Integrado
de Museus e Memórias



MUSEU
UFPA

COLABORAÇÃO



APOIO

